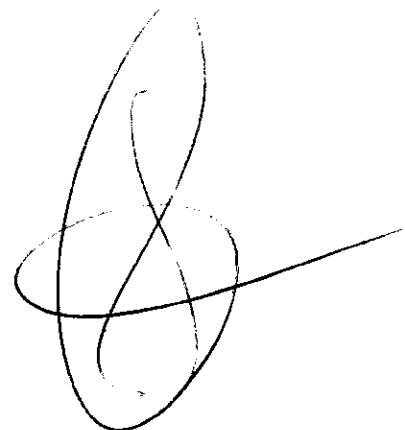


ricardo corona

curare



etnopoesia



ILUMINURAS

2011

Prólogo

Entxeiwi. Com essa expressão, que se avizinha a “bom-dia”, Tikuein – apelido de José Luciano da Silva – ou Nhangoray (Mão Pelada), seu nome indígena, falecido em 2009 e um dos últimos falantes da língua Xetá, iniciava uma conversa com o espelho. Um rito oral com o outro do espelho que podemos dizer um exercício-limite, sintoma do desaparecimento dessa língua – do grupo dialetal guarani, no caso o mbyá, bem como outras da família linguística tupi-guarani – e efeito da dizimação da diversidade cultural a-histórica. Os Xetá, desde o início dos primeiros contatos, em fins do século XIX, ficaram reduzidos a seis indivíduos remanescentes. A soma dos indivíduos é menor que o número de nomes atribuídos à coletividade: Xetá, Héta, Aré, Botocudo, Sjeta, Notobotocudo, Ssetá, Bugre, Yvaparé, Chetá e Seta. São onze nomes coletivos para seis indivíduos que atualmente não convivem coletivamente.

Poucos meses após ter decidido que o informe desta fala de Nhangoray seria a pulsão do poema, tive a alegria de encontrar-me com Jerome Rothenberg, em Curitiba, em meados de 2007. Em rápidos três dias de convivência, o poeta e tradutor estadunidense, criador do conceito *etnopoesia*, deixou-me sinais estáveis de que a poesia é presença e

ruído de fundo nas diversas relações culturais. “Nenhuma pessoa hoje é recém-nascida. Nenhuma pessoa se acomodou apaticamente aos milhares de anos de sua história. Meça tudo pelo foguete Titan & pelo rádio transistor, & o mundo estará cheio de povos primitivos. Mas mude por uma vez a unidade de valor para o poema ou para o evento da dança ou do sonho (todas, claramente, situações artefatas) & fica aparente o que todas estas pessoas têm feito todos esses anos com todo esse tempo nas mãos”, escreveu Rothenberg em “Pré-Face - Technicians of the Sacred” (*Etnopoesia no milênio*).

Este informe do rito oral de Nhangoray é presença extremosa em *Curare* desde as primeiras linhas e põe em ênfase as relações entre poesia e etnia. A medida é monstruosa – do informe ao disforme, e, estendidamente, às linhas de fuga que sugerem ao poema o aberto –, um modo de se chegar ao *ethos* poético ou a uma poética. Posso dizer, além disso, que, recentemente, com a elaboração e exposição de uma etnoperformance chamada *Carretel curare* é que esse *ethos* delineou-se em seu movimento de retorno. O informe da fala de Nhangoray, presença na minha escrita-cosmogonia, escrita monstruosa, retorna à oralidade via espaço da performance.

Curare opera mais por uma força centrífuga do que centrípeta e descentra para não decifrar. “Não há mais sujeito-objeto, mas ‘brecha escancarada’ entre um e outro e, na brecha, o sujeito, o objeto são dissolvidos, há passagem, comunicação, mas não de um a outro: um e outro perderam a existência distinta” (Bataille).

Nenhuma
comodou
Meça tudo
ndo estará
a unidade
do sonho
parente o
s com todo
Pré-Face -

presença
sem ênfase
ruosa - do
s de fuga
se chegar
lém disso,
o de uma
esse ethos
me da fala
nia, escrita
formance.
ga do que
há mais
e outro e,
passagem,
erderam a

Assim, a expressão “entxeiwi/bom-dia”, pode ser uma variante livre do sentido “carpe diem” (Horácio), vulgarmente traduzido por “viver o dia”. Se o gesto “carpe diem” busca dizer o que se esgota no instante presente, uma expressão para o “viver o agora”, dizer “entxeiwi” ao espelho, em uma língua esquecida, pode nos abrir o sentido poético desta língua, sentido este que está em todas as línguas, momento em que não estão formalmente estruturadas como linguagens de poder (Blanchot). É neste lugar, lugar também da tradução, que não é começo nem fim, lugar olvidado, silencioso, lugar de ausência que Curare – “brecha escancarada” – se relaciona incessantemente. E se recorro ao carpe diem, antes de evocá-lo formalmente, um épico, procuro dizê-lo no sentido que a expressão “entxeiwi” se me apresenta, ou seja, lugar de potência que tanto necessita o poema que não quer nunca se acabar, que é “continuum de variações crescentes”, nas palavras de Arturo Carrera, em seu *Noche y Día*.

Ricardo Corona

1.

Entxeiwi!

Héta menino vê através
vê o céu noutro lugar depois do desvario
– constelações arquipélagos
interzonas.

Héta
sutil

chispa o tempo
inaudito.

Tem um graveto ((((((((((deita-se,

N E B U L O S O)

: o fogo vem com sua dança desviante.

Héta esquivo
nalgum umbral do mundo

vê sem cessar.

23

Esquizo,
ouve estalar as gotas,
tremer estrelas na malha líquida

10.

estocarei mais fundo
- bataille! bataille! -
até perfurar miolos voarem insetos (

mariposa-espelho:::::grande-broca-do-grão::::bicho-do-coco:
:::::caruncho-da-algaroba:::::::::::coleobroca-da-figueira:::
:::::::::::larva-alfinete:::::::::::
negrito-da-batata-doce:::::::::::
besourinho-negro-das-orquídeas:::::besouro-do-botão-floral
:::::::::::cascudo-da-acácia-negra:::::::::::
gorgulhito-das-flores-do-coqueiro:::::::::::
gorgulho-da-amêndoа-do-cacau:::grossa-broca-das-laranjeiras:
manhoso:::::maromba:::::larva-angorá::::larva-arame:::
::::mãe-d'água::barata-luminescente:::::::::::
vaquinha-da-videira:::::::::::mosca-varejeira-africana:::::
::::mosquinha-da-manga:::::::::::maruim:::::::::::
mosca-do-aspargo:culicídeo::::::::::estegomia:::::::::::
besouro-chinês:moriçoca:mosquitinho-doméstico-comum:::::
mosca-africana-do-figo:estro-hemoroidal:berne:berro:::::
larva-rabo-de-rato::::::::::pulgão-lanígero-do-pínus:::::
::::::::::percevejo-pirata-de-faixa-amarela:::::tuju-mirim:::::
:parasitoide-do-pulgão-do-pínus:::::caçarema:::::::::::
cigarrinha-de-espuma-do-eucalipto:::::::::::
cochonilha-da-jaboticabeira:::::::::::
cigarrinha-da-raiz-da-cana-de-açúcar:::::::::::
percevejo-cinzento-do-fumo:broca-pequena-dos-livros:::::
bostriquídeo-perfurador-da-videira:mãe-de-sol:::::::::::
arlequim-da-mata:::::::::::capricórnio-das-casas
::::::::::serrador-da-acácia-negra:::::besourinho-espinoso:::::
cássida-de-seis-manchas:dorífora-da-batatinha:::::::::::
douradinho-do-maracujá:::::::::::larva-mineira-das-orquídeas:

:::::::::::besouro-fungo-dos-grãos-armazenados:::::::::::
pequeno-besouro-das-colmeias:bicho-bolo:caracachá:cetônia:
::::::::::coró:coró-da-soja-sulino:coró-das-pastagens:::::::::::
coró-do-trigo:::::escaravelho-sagrado:::::::::::
escama-algodonosa-do-bordo:::::larva-cauda-de-rato:::::::::::
::::::::::caruncho-dos-citros::::::::::besouro-brilhante-do-fungo:
:::::lacrainha-europeia:::::tujuvinha-mirim:urucu-boca-de-renda
::::xupé:::lacrainha-de-pernas-aneladas:lacrainha-anã-europeia:
mosca-minadora-do-tomate:escama-nevosa-pequena:::::::::::
jaquiranaboia:cigarrinha-verde-do-espinho:::::::::::
cochonilha-da-raiz-da-mandioca::::::::::ampola-da-erva-mate:::
mamangaba-miúda-rajada:::::lacraia-fulva-gigante:::::::::::
abelha-de-cupim:::::lacrainha-das-praias:::::amanaçaia:::::::::::
angelitala::::araupuá-amarelo-menor::::bicho-de-sete-couros:::
::::::::::borrachudo::::::::::mané-de-abreu:::::manuibara::::miri:::::
::::mirim::::mirim-guaçu::::moça-branca:::::mocinha-preta:::::::::::
mombuca:::::mondiri::::myre-ti::::::::::ramichi-negra::::saiqui:::
::::sanharão:::::tíuba::::::::::torce-cabelos:::::::::::tubuna
::::tuiú-mirim:::::::::::caiapó::::::::::curupé:::::::::::estralo
::::formiga-cabaça::::formiga-de-boca-de-capim::::mandioqueira:
quenquéim-de-árvore::::sararaú:::gafanhoto-bandeira:::::::::::
bicho-pau:::sarassará-das-colmeias:::sarassará-de-pernas-ruivas
::::tapié:::tapina::::tocandira:tracuá:::turu:::lagarta-sete-couro:::::
come-cobra:::::::::::caba-camaleão:::::inxu:inxui-de-mamica
:::::inxu-miúdo:::::::::::marimbondo-amoroso:::::
::::cupim-rizófilo:::::formiga-acrobática:::::::::::
borboleta-do-apito-do-macaco:::::traça-das-flores-do-coqueiro
:::::::::::lagarta-medé-palma-do-eucalipto:::::::::::
::::canudo-torce-cabelos:::::::::::
cu-de-vaca-vermelha:cu-de-vaca-preta:::::::::::emerina:::
:::::::::::abelha-africana:::::::::::
::::guaxupé:::::::::::guira:::::::::::ichoa-choca-menor:
irapuá:::::::::::iratim:::::iraxim::::::::::urucu::::::::::jateí-pretello:::
jati::::::::::kangàrà-kàk-ti::::::::::kuru-bunáki::::::::::lambe-olhos:::::

.....:joaninha-das-treze-manchas-pretas
.....:joaninha-das-vinte-e-oito-pintas:.....
.....:joaninha-do-chuchuzeiro
.....:joaninha-faixa-branca:.....
.....:joaninha-preta-das-manchas-amarelas
.....:joaninha-pretas-dos-citros:.....
.....:joaninha-rubro-negra
.....:joaninha-vermelha-dos-jardins:.....
.....:joaninha-algodonosa
.....:joaninha-anã-algodonosa:.....
.....:joaninha-asiática
.....:joaninha-australiana:.....
.....:joaninha-comedora-de-folhas
.....:joaninha-da-mosca-branca:.....
.....:joaninha-das-cucurbitáceas
.....:joaninha-superpredadora-da-cochonilha-branca-dos-citros:.....
.....:traça-dos-livros
) num devaneio à margem do *RIO IRRESISTÍVEL*

36.

Bugrinho (flaneia)
cuida de uma esquina

de semáforo a semáforo

oferece espaços aos corpos niquelados que roncam rodas na
disciplina radar

Bugrinho – entre
o tilintar de pequeninos níqueis
caem estrelas que ele doa
e nelas ninguém mais acredita –

DOM

37.

Potlatch:
o dom acabou
dooou tudo
sou // patrimônio imaterial // seu
M O N S M A M S M O M A S
tua vez ser moderno
:
dar

38.

latem cã
enlouqu
seca o le
(rondan
cobiçam
órfão m
entra e
faz do h
(ronda
cobiça

... ¶ o sonho épico do menino yvaparé é rastafári ¶ o sonho épico do menino yvaparé é roms ¶ o sonho épico do menino yvaparé é comanche ¶ é kaigang ¶ o sonho épico do menino yvaparé é melasiano ¶ é suruí ¶ o sonho épico do menino yvaparé é guineano ¶ é yamanes ¶ o sonho épico do menino yvaparé não é atávico ¶ é pigmeu ¶ o sonho épico do menino yvaparé é compósito ¶ o sonho épico do menino yvaparé não é raiz ¶ o sonho épico do menino yvaparé é sonhado sob um céu guarani ¶ o sonho épico do menino yvaparé é trama-raiz trançando raízes ¶ é RAIZ CAMINHANTE ¶ é chiapas ¶ é crioulo-quebec ¶ é a trama cigana ¶ é o caos-belo caribenho ¶ o sonho épico do menino yvaparé nem épico é ¶ é épico que se decompõe aos livros de errância ¶ sem miolo ou borda limite ¶ o sonho épico do menino yvaparé é papel antes da pilha ¶ é floresta para os *grandes livros fundadores das humanidades atávicas* ¶ o sonho épico do menino yvaparé nem livro é ¶ é fala sono-insônia multilíngue no dentro de sua língua ¶ o sonho épico do menino yvaparé é poema dilacerado ¶ ...

43.

workshop
com técnicos do sagrado
ou anesthésie complète

:

dom e veneno
COISA DADA &
corpos erógenos

:

desencapsular potências rituais
prescrever amnésia à medicina
um totem à cura

:

woorara
voorara
wourari
wouraru
ouriali
urari
ourari
ourary

45.

Code
: mais

Code
: quer

Code
: em

Code
: sub

UND

44.

SEXO FODA DOS INFORMES

Mil e um:.....
.....perdi o emprego, estou grávida
(esse, meu livro de filosofia preferido... amo),
voltei pra minha cidade, nem fralda podia comprar lá,
tudo que ganhei foi de amigos,
agora tô trabalhando graças a deus já posso comprar fraldas e leite

Menos dois:.....
tava ali quando vi o cara tombar e o chão (
abriu hoje minha expo, cê vai né?)
ficou um vermelho só, sei não, acho que uma bala perdida dos ôme

Trezentos:.....
.....
.....

sei lá, tem velho com mais de oitenta cumprindo pena (
hoje enviei meu livrinho de poesia
pra biblioteca pública, de pósito legal,
aproveitei e fiz uma remessa pra alguns críticos),
uma galera que caiu por causa de uma trouxa de maconha.

quase mar ~ os rios sonorizam sobre o aquífero ~~~~~

rio açú
rio açúngui rio a dela de rio águas que nte rio águas vermelhas rio águas brancas rio águas amarelas
rio a longo rio areia rio andrade rio azul rio bandeirario do banho rio barabaqua ribeirão da barraria
rra grande rio barreiro rio belo rio benjamim constantrio boavista rio bonito rio da antaria
borboreta arroio da botucario branco rio belém rio cachoeira
rio caiuá rio camporeal rio canoas rio canturio
capanemario capão grande rio capivari rio capricórnio
rio caracúrio carajá rio carantuvario
cavernoso rio chopim rio cinco voltas rio das cinzas
rio cláro rio das cobras rio do cobre rio congonhas
ribeirão coroa de frade rio corumbataí
ribeirão do corvo
rio cunha poranga
ribeirão do diabo
rio encantado
rio da faca
rio da farta
rio feijo
rio florianó
rio formoso
rio forquilha
rio inhanda
rio vario
rio fortaleza
rio goioerê
rio goio-bang
rio gonçalves
rio grande
ario guaçuri
rio guarani
rio iolajeadogrande
síndios
rio guaraú
rio inhario
rio itapó
rio iguaçu
rio imbaú
rio imbitu
ario ipiranga
rio iporá
rio itapirapuá
rio iratim
rio iratinzinho
rio itaúnario
tararé
rio ivaí
rio ivaizinho
rio jace
rio jacarezinho
rio jaguariaí
rio jangada
rio jarara
rio jardim
rio jesuítas
rio jordão
rio jutu
rio laranja
rio lara

njeiras rio tajeado rio das tontras rio lonqueado
rio macacos rio mamboré rio marrecas rio matoré
rio maurício rio domélio rio melissário miringuá
rio mourão rio muguihão rio negro rio ocoi
rio da onça rio palmital rio dos papagaio srio para
cá rio paraná rio paranaíba rio parati rio pa
ssatré srio passaúna rio passaúna rio patebranc
o rio dos patos srio da pescaria rio pinhão srio pímp
ão srio piraírio piraímirim srio piquiri srio pirapório
piraquareariopitangario pitangui srio pioçoboni
to arroio pioçogranderio pontagrossario potinga
rio da prataputurário quatiarroi orafaelribeir
irinhario represagrande riobeirario do rocha
rio dos saltos santanario santo antônio srios sãof
ranciscorios sãofranciscofalso sulsrios sãofranc
iscofalso norterios sãoyerônimo sãojoaõrios
sãojoaõosurrários sãolourençorios sãosebastião
rios sapucairios siemens riotacanica ribeirão taman
dua etériotaperario tatuíriotomentario tapira
cuíriotibagiribeirão do tigre riotricolor lajeado t
ucuiduvario tourinhoriotorvorioubazinhoriou
berabario urutagorio riadavárzeario do veadorio
verde río vermelho río vitorino río vorário xambré
arroio zororó ~~~~~ linha desde
a nascente aprende a perder-se (TODA PROSA

Á G U A S sonorizam ~~~~~
~~ ondinhas ~~~~~ sons ~~~~~
~~~~~ sons entre ~~~~~  
~~~~~ prosa ~~~~~  
~~~~~ portunhol ~~~~~  
~~ indígena ~~~~~  
~~~~~ ondinhas  
~~~~~ sensíveis  
~~~~~ inaudíveis ~~~~~  
~~~~~ aos ~~~~~ passantes ~~~~~  
~~~~~ do ~~~~~  
~~ solo ~~~~~ do ~~~~~
~~~~~ aquífero ~~~~~  
~~~~~ misiones ~~~~~  
~~~~~ correntes ~~~~~  
~~~~~ entre-rios ~~~~~  
~ concepción ~~~~~ amambay ~~~~~
~~~~~ san-pedro ~~~~~  
~~~~~ canindeyú ~~~~~  
alto-paraná ~~~~~ neembucú ~~~~~
~~~~~ itapuá ~~~~~

56  
O  
e  
L  
a  
m  
i  
m  
p  
r  
a  
i  
s  
e  
i  
c  
t  
m  
e  
u  
u  
o  
n  
s  
u

~~~~~ caaguazú ~~~~~ caapazá  
~~~~~ guairá ~~~~~  
~~~~~ artigas ~~~~~ salto  
~~~~~ paysandu ~~~~~  
~~~~~ rivera ~~~~~  
tacuarembo ~~~~~ rio-negro ~~~~~
~~~~~ durazino ~~~~~  
~~~~~ rio-grande-do-sul ~~~~~  
~ minas-gerais ~~~~~ goiás ~~~~~
~~~~~ mato-grosso-do-sul ~~~~~  
~~~~~ mato-grosso ~~~~~  
~~~ santa-catarina ~~~~~ paraná ~~~~~  
~~~~~ são-paulo



Epílogo

Curare expandiu-se livremente da fala que Nhangoray teria dito ao espelho. Esta fala imaginária é lugar desejado - ou, sítio delicioso - para o poema que se recusa a fechar-se. Assim, nos conceitos consagrados da linguagem hospedeira, importa o sacramento de uma oralidade à medida que está em jogo o testemunho, o rito oral do outro. E isto só me é possível por meio de um juramento. O meu rito oral (afetivo) é, então, dizer em público este poema apenas com o Carretel Curare, etnoperformance de preceitos voltados para o juramento, no sentido posto por Benveniste: "uma modalidade particular de asserção, que apoia, garante, demonstra, mas não fundamenta nada. Individual ou coletivo, o juramento só existe em virtude daquilo que reforça e torna solene: pacto, empenho, declaração. Ele prepara ou conclui um ato de palavra que só possui um conteúdo significante, mas por si mesmo não enuncia nada. Na verdade é um rito oral, frequentemente completado por um rito manual, cuja forma é variável. E a sua função não reside na afirmação que produz, mas na relação que institui entre a palavra pronunciada e a potência invocada". Por isso, mesmo com cautela, sugiro ao leitor, toda vez que fizer o poema repercutir com a voz, se assim o desejar, coloque-o em estado de rito oral.